

FACULDADE DE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

GÉSSICA CRISTIANE ALVES

ESTUDO DA PSICOPATIA RELACIONADA AO
COMPORTAMENTO CRIMINOSO

PATOS DE MINAS
2015

FACULDADE DE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

GÉSSICA CRISTIANE ALVES

ESTUDO DA PSICOPATIA RELACIONADA AO
COMPORTAMENTO CRIMINOSO

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Profa. Ma. Constance Rezende Bonvicini

FACULDADE DE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

GÉSSICA CRISTIANE ALVES

ESTUDO DA PSICOPATIA RELACIONADA AO COMPORTAMENTO
CRIMINOSO

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 23 de
Novembro de 2015.

Orientadora: Profa. Ma. Constance Rezende Bonvicini
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Profa. Ma. Gema Galgani da Fonseca
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Marcelo Matta de Castro
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a todos os estudiosos que buscam a aplicabilidade do tema na sociedade atual, visando o conhecimento como uma forma de crescimento profissional e pessoal.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus, por me proporcionar o dom da vida, guiando meus passos e dando-me sabedoria para superar os momentos difíceis.

À meus pais, meu mais doce exemplo de vida, coragem e perseverança. Pessoas iluminadas e vencedoras que com sua humildade e sabedoria me ensinaram princípios e valores pautados na fé e no amor.

À minha irmã e cunhado que apesar da distância sempre se mostraram presentes, torcendo pelas minhas vitórias e me apoiando nos meus fracassos, provando que mesmo com a ausência física o amor e a admiração permanecem.

Ao meu namorado, meu porto seguro e melhor amigo que ao longo de todos esses anos se mostrou paciente e compreensivo. O seu apoio e incentivo, principalmente nos momentos de crise, fizeram desta caminhada mais leve.

À Faculdade de Patos de Minas e todos os profissionais que a integram, agradeço imensamente pela grande oportunidade de concluir este sonho tão almejado, fazendo de mim uma profissional competente.

A todos os meus professores que conseguiram despertar em mim o amor pela minha profissão, ensinando-me valores éticos e um olhar humanizado que vão muito além do respaldo técnico, me fazendo entender que ao estender a mão posso tocar uma alma.

À minha orientadora que sempre esteve ao meu lado, me ensinado e aprendendo juntamente comigo, com muita humildade e otimismo, conquistando a minha admiração e respeito.

Enfim gostaria de dizer 'muito obrigada' de um modo geral a todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para a construção e aperfeiçoamento desse trabalho. Enfatizando que "Se cheguei até aqui foi porque me apoiei no ombro de gigantes." (Isaac Newton).

Não pude impedir o fato de ser um assassino, não mais que um poeta consegue impedir a inspiração para cantar. Nasci com o mal sendo meu patrocinador ao lado da cama onde fui 'cuspidor' pra dentro do mundo, e ele tem estado comigo desde então.

H. H. Holmes

ESTUDO DA PSICOPATIA RELACIONADA AO COMPORTAMENTO CRIMINOSO

PSYCHOPATHY STUDY RELATED TO CRIMINAL BEHAVIOUR

Géssica Cristiane Alves ¹

Graduando do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Constance Rezende Bonvicini²

Mestre em Administração. Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

Atos violentos e desumanos tornaram-se comuns na atualidade, fazendo do medo um sentimento cotidiano. Frente a isso cabe a reflexão da causa de tanto mal e sofrimento e o porquê desses atos que se diferem tanto do esperado. Visando elucidar essas questões, a procura de um padrão comportamental psicopático tem sido cada vez mais relevante, principalmente no que diz respeito à sua estreita ligação com a criminalidade. Nesse sentido, este trabalho realizado através de uma pesquisa bibliográfica, teve como objetivo a compreensão de termos utilizados para a definição da psicopatia, bem como o entendimento de elementos influenciadores de uma conduta violenta. A pesquisa mostrou a etiologia e as principais características do transtorno, destacando-se a impulsividade, instabilidade, agressividade e ausência de culpa/empatia, ocultas por uma falsa simpatia e manipulação. O estudo evidenciou a correlação das características da psicopatia com os altos índices de reincidência criminal, alguns atributos de assassinos em série e fatores relevantes que podem desencadear uma personalidade perversa se ocorridos simultaneamente. Concluiu-se que há três aspectos etiológicos principais

¹Orientando

²Professor Orientador. Docente do DPGPSI/FPM

que influem num comportamento psicopático, a saber, fatores interpessoais, biológicos e sociais, que são descritos de acordo com suas especificações.

Palavras-chave: Psicopatia. Transtorno de Personalidade Antissocial. Comportamento Criminoso.

ABSTRACT

Violent and inhumane acts have become common today, causing fear an everyday feeling. In view of this, it is the reflection of the cause of so much evil and suffering and the reason why these acts differ so much from the expected. Aiming at elucidating these questions, the search for a psychopathic behavior pattern has been increasingly relevant, especially with regard to their close connection with crime. In this sense, this work carried out through a literature search aimed to the understanding of terms used for the definition of psychopathy, as well as the understanding of influential elements of a violent conduct. The research showed the etiology and the main characteristics of the disorder, especially impulsivity, instability, aggression and lack of guilt/empathy, hidden by a false sympathy and manipulation. The study highlighted the correlation of psychopathy features with the high rates of criminal recidivism and some attributes of serial killers, in addition to exposing relevant factors that can trigger a perverse personality if occurring simultaneously. It is concluded that there are three main etiological aspects that influence in a psychopathic behavior, namely, interpersonal, biological and social factors, which are described according to your specifications.

Keywords: Psychopathy. Personality Disorder Antisocial. Criminal behavior.

INTRODUÇÃO

Desde muito tempo, os criminosos têm sido motivo de preocupação em toda a sociedade. A tentativa de entender suas atitudes e saber por que se diferem de outras pessoas perdura durante séculos (INNES, 2009). Os impulsos que movem esses indivíduos e os levam a praticar crimes cruéis, ainda é um assunto desafiador para diversos profissionais da área (SAVAGLIA, 2010).

O mal que se esconde por trás de boas aparências sempre existiu. Pessoas que possuem uma essência maligna e cometem atrocidades de forma fria e racional foram descritas antes do surgimento da psicologia (SCHECHTER, 2013).

Diante dessas concepções surgiu o questionamento quanto ao estado mental e as possíveis alterações psicopatológicas de indivíduos infratores. Estudos buscavam avaliar o grau de entendimento e autodeterminação nas ações desses sujeitos (SERAFIM; SAFFI, 2012), que não apresentavam déficits intelectuais, mas eram considerados moralmente insanos (SCHECHTER, 2013).

Com o intuito de caracterizar esta conduta antissocial, da qual se destaca o desrespeito às normas sociais e a falta de senso ético, foi criada a palavra psicopatia (SERAFIM, 2003). Devido a sua abrangência e algumas divergências quanto ao seu conceito e etiologia, tornou-se necessário uma classificação adequada, que recebeu o nome de Transtorno de Personalidade Antissocial. O intuito seria definir por meio de comportamentos observáveis características de indivíduos que possuem essa desordem (DEL-BEN, 2005).

Apesar de alguns autores diferenciarem Psicopatia e Transtorno de Personalidade Antissocial, os mesmos serão abordados como sinônimos no decorrer deste trabalho, visando uma forma mais didática e um maior entendimento do leitor.

Enfatizando que embora os psicopatas possam estar relacionados a criminosos ou assassinos em série, nem todos são classificados assim, a maior parte deles não apresenta impulsos ou condutas violentas (CASOY, 2004).

Diante do exposto, esta pesquisa bibliográfica demonstra a sua importância por proporcionar uma visão ampla a respeito da psicopatia, visando a possibilidade de reconhecimento desses indivíduos, auxiliando desde estudiosos da área até pessoas comuns que ao serem vítimas desses sujeitos, veem suas vidas destroçadas, tendo grande prejuízo físico, emocional ou financeiro.

Outro aspecto relevante seria amparar psicólogos que lidam com esses sujeitos, oferecendo a possibilidade de um diagnóstico mais aproximado durante uma avaliação psicológica, diminuindo a probabilidade de dissimulação por parte do avaliado, que tende a mentir com intuito de ocultar aspectos de sua personalidade.

O objetivo da pesquisa consiste em apresentar a etiologia e caracterização do transtorno, relacionando-o ao comportamento criminoso, com a proposta de explicitar, além de sua conceituação, alguns fatores que levam o indivíduo psicopata a cometer um ato delituoso.

Teve como questão norteadora a busca do motivo desses indivíduos comportarem-se de forma tão cruel, envolvendo-se em crimes e provocando

sofrimento á outras pessoas. Enfatizando três dos principais aspectos etiológicos que influenciam no desenvolvimento de uma conduta criminosa.

Compreendendo que o comportamento humano deriva de vários contextos e a criminalidade e os atos ilícitos são ações de grande complexidade (SERAFIM; SAFFI, 2012), hipotetizou-se que os motivos que levam uma pessoa a cometer crimes dependem de diversos fatores que ocorrem simultaneamente no decorrer da vida do sujeito (SAVAGLIA, 2010), sendo eles: aspectos biológicos, interpessoais e sociais.

METODOLOGIA

Este estudo foi feito, por meio de uma revisão da literatura, sendo de caráter qualitativo e descritivo. Para realização deste trabalho foram utilizados como materiais e fontes de pesquisa: livros, artigos científicos, teses e dissertações, conseguidos através de empréstimos, compra, sites de instituições de ensino superior e em bases de dados disponibilizados pela internet (SCIELO).

Foram usados preferencialmente artigos publicados no período de 1981 a 2013, bem como obras clássicas e autores conhecidos na área, escritos no idioma português e inglês. As palavras-chave utilizadas na busca de materiais foram: psicopatia, transtorno de personalidade antissocial e comportamento criminoso.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

HISTÓRICO DO CONCEITO DE PSICOPATIA

A definição da Psicopatia tem sido, ao longo dos anos, motivo de controvérsia, devido a grande variedade de fatores que contribuem para seu

desenvolvimento, tornando-se difícil a unificação da etiologia, bem como a classificação do conceito (BITTENCOURT, 1981).

No final do século XVIII foram iniciadas as primeiras discussões a respeito da psicopatia. Alguns psiquiatras e filósofos começaram a questionar se alguns infratores teriam a capacidade de entender a consequência de seus atos, fazendo uma relação entre livre arbítrio e transgressões morais (MILLON, 1998).

Dentro da medicina legal, também surgiram questionamentos a respeito de criminosos cruéis e agressivos, que não apresentavam nenhum sinal de insanidade. A tentativa de descrever e encontrar categorias que se adequassem a esses pacientes marcou o momento inicial da tradição clínica de estudo da psicopatia (HARE; NEUMANN, 2008).

Phillip Pinel foi o pioneiro nas pesquisas nesta área, criando o termo mania sem delírio, no ano de 1809. Baseou-se em um caso clínico, em que eram predominantes a impulsividade e condutas problemáticas (NUNES, 2011). No seu trabalho descrevia indivíduos com ausência de lesão intelectual ou problema mental, que se caracterizavam por um instinto furioso e conflitos internos, variando entre a lucidez e a crueldade (PESSOTTI, 1999).

No ano de 1835, Pitchard criou o termo insanidade moral, para denominar indivíduos que apresentavam ações pervertidas, comportamentos antissociais e falta de senso ético. Os loucos morais se achavam próximos aos enfermos psíquicos, considerados uma classe de seres anormais (SERAFIM, 2003). Esquirol criou no ano de 1840 o termo monomania, um delírio limitado a um ou poucos objetos, acompanhado por um sentimento alegre e uma paixão expansiva, implicando na excitação (PESSOTTI, 1999).

Morel destacou o fator etiológico, criando em 1857 o nome loucura dos degenerados. A sua teoria seria a de que fatores externos (álcool e drogas) poderiam fazer o indivíduo adquirir uma degeneração ou mesmo um mau temperamento. Ampliando esta visão de degeneração Valentim Magnan introduziu a ideia de desequilíbrio mental. Ele se baseava em uma alteração neurológica, ou seja, uma falta de harmonia entre os centros nervosos (SHINE, 2010).

Henry Maudsley acreditava que existiria uma parte do cérebro responsável pelos sentimentos morais naturais, algum déficit nessa área seria motivo para comportamentos depravados. A esta concepção foram somadas as teorias de Lombroso e Gouster. O primeiro afirmava que existiria um criminoso nato,

ou seja, o sujeito já nascia com certas características que determinariam a chance de vir a cometer um ato ilícito. Gouster, por sua vez, acreditava que haveria características psicológicas que fariam um indivíduo cometer algum delito como, por exemplo, mentiras, desobediência, dissimulação, etc. (MILLON, 1998).

Koch apresentou no ano de 1891 o termo psicopático, em seu livro “As Inferioridades Psicopáticas”. Defendia a ideia de uma discrepância de caráter ligada a aspectos congênitos ou adquirida através de alguma enfermidade. Mas foi Kraepelin, o primeiro a se referir a uma personalidade psicopática em 1904. Seu trabalho buscou classificar e organizar formas para descrever a doença mental, considerando-a de caráter provisório (BITTENCOURT, 1981).

Em 1923, Kurt Schneider fez grandes contribuições para o campo da psicopatia. De acordo com ele, indivíduos que apresentavam a personalidade psicopática, sofreriam com a sua anormalidade, fazendo também sofrer o próximo e a sociedade. Em sua perspectiva, o caráter anormal desses sujeitos faria com que estivessem em constante conflito externo e interno (SERAFIM, 2003).

Nesta mesma vertente, Eugen Kahn usou o termo personalidade psicopática para homogeneizar diversos problemas e desordens que não seriam considerados doenças mentais e teriam como condição comum o desajustamento social (SHINE, 2010).

Com o intuito de diminuir a variedade terminológica e gerar uma unificação, a Associação Psiquiátrica Americana (APA), criou na primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM – I), o termo Distúrbio de Personalidade Sociopática. A Sociopatia é caracterizada como um conjunto de comportamentos desviantes e não implica necessariamente na Psicopatia, que seria uma construção mais complexa, envolvendo diferentes aspectos da vida do indivíduo, além de manter um padrão de comportamento antissocial (HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2009).

O conceito de psicopatia ganhou uma concepção definitiva e abrangente através do trabalho de Hervey Cleckley, no ano de 1941 em sua obra *The Mask of Sanity* (A máscara da Sanidade) apresentou uma variedade de características diversas que diziam respeito à identificação da perturbação (NUNES, 2009). Para o autor, não era necessário à presença de todas elas para que o sujeito fosse considerado psicopata (HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2009). Seu trabalho teve grande influência para o diagnóstico de psicopatia no DSM– II, o qual foi proposta

uma definição restrita, cunhada como personalidade antissocial. Nesta descrição era necessária, mas insuficiente, a presença de histórico de crimes e delitos, para a caracterização do transtorno (DAVOGLIO; ARGIMON, 2010).

Já no ano de 1980, no DSM-III foi mantido o nome personalidade antissocial, porém foi acrescida anteriormente a palavra transtorno. O foco mudou para uma visão criminal-comportamental, sendo o diagnóstico atribuído quando houvesse uma constante violação de normas sociais como a mentira, furto, passagem pela polícia, inconsistência em empregos, entre outros (SHINE, 2010).

Outro nome que se destacou nos estudos nesta área foi o Robert Hare. O autor é creditado pelas diversas pesquisas durante as últimas décadas e foi o criador da medida de psicopatia que é amplamente utilizada, a saber, o Psychopathy Checklist (PCL) e o atual Psychopathy Checklist – Revised (PCL-R). Essas duas medidas trouxeram para o campo um método e descrição em comum para a avaliação da psicopatia (HUSS, 2011).

Nos dias atuais, a nomenclatura que se encontra em vigor no DSM – IV é Transtorno de personalidade Antissocial. A sua definição engloba a Psicopatia e a Sociopatia ou Perturbação Dissocial da Personalidade (NUNES, 2009).

CARACTERÍSTICAS DA PSICOPATIA

O transtorno de personalidade antissocial é um dos mais estudados na atualidade, devido ao impacto negativo que os comportamentos ligados a esta perturbação influem na sociedade. Em pesquisas criminológicas são referidos, na maioria das vezes, sujeitos que possuem um alto índice de agressividade, tanto física quanto psicológica e um comportamento que inclui hostilidade e manipulação. Não têm uma vida emocional real e nem sintomas de uma enfermidade mental, portanto possuem todos os indicadores para um diagnóstico de psicopatia (SOEIRO; GONÇALVES, 2010).

Em um primeiro momento, seu estudo foi relacionado a prisioneiros e a pacientes de hospitais psiquiátricos. Porém, atualmente essa definição não se limita a populações forenses, pois suas características podem estar presentes no comportamento de qualquer indivíduo (HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2009). O

próprio título do famoso livro de Robert Hare (Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas entre nós), remete ao fato de que esses sujeitos podem vir a interagir dentro de todos os aspectos da sociedade (HUSS, 2011).

Eles diferem-se do restante das pessoas por apresentarem uma série de comportamentos antissociais, carecendo de culpa, lealdade e consciência, voltando-se contra o meio externo no intuito de resolver os seus conflitos internos (BITTENCOURT, 1981).

Porém, essa distinção torna-se difícil, devido ao fato desses sujeitos se mostrarem a princípio inofensivos, carismáticos, sedutores e simpáticos. Utilizando-se do seu poder de persuasão para satisfazer seu próprio desejo independente das consequências, fazendo com que as pessoas só os reconheçam depois de terem sido prejudicadas por eles (LETNER; PAINES; PERIOLO, 2013).

Alguns desses indivíduos se orgulham de seus atos perversos, e diferentes das outras pessoas, não demonstram a violência através de descarga emocional (raiva ou medo) e nem possuem ativação do sistema simpático (sudorese, taquicardia, dilatação de pupilas etc.). Seus atos são planejados sem emoção, apresentando senso de superioridade, poder e domínio sobre os outros e tendência a colocar a culpa de seus atos em outras pessoas e circunstâncias (SERAFIM; SAFFI, 2012).

Schneider descreveu a personalidade psicopática, através de comportamentos causadores de sofrimento alheio, caracterizando-se pela ausência de ilusão e alucinação ou qualquer desordem a nível intelectual. Porém a definição da Psicopatia, ainda é causadora de algumas controvérsias, que dizem respeito à legislação de cada país e das diferentes tradições científicas (NUNES, 2009).

Segundo Cleckley, Hare e Millon, o padrão de comportamento violento dos psicopatas, se dá devido uma falha na emissão de respostas emocionais, o que faz com que não sintam remorso e sejam incapazes de estabelecer vínculos, apresentando ainda egocentrismo e falta de empatia (apud SERAFIM; SAFFI, 2012, p. 215). Apesar de compreenderem as palavras e fatos, não conseguem entender a emoção sentida por trás deles, ou seja, conhecem a letra da música, mas são incapazes de sentir a melodia (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Baseado em seus estudos, Cleckley conseguiu ampliar o conceito de psicopatia, criando 16 características diferentes, com o intuito de identificar o indivíduo portador deste transtorno, são elas: charme superficial e boa inteligência,

ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional, ausência de nervosismo, não confiável, falsidade e falta de sinceridade, ausência de remorso ou vergonha, comportamento antissocial inadequadamente motivado, julgamento deficitário e falha em aprender com a experiência, egocentrismo patológico e incapacidade de amar, deficiência geral nas reações afetivas principais, perda específica de insight, falta de resposta nas relações interpessoais gerais, comportamento desagradável com a bebida, suicídio raramente concretizado, vida sexual e interpessoal trivial e deficitariamente integrada e por fim fracasso em seguir um plano de vida (HUSS, 2011).

De um modo geral, os indivíduos considerados psicopatas, apresentam ausência de ansiedade ou de depressão, porém no seu discurso, não rara às vezes nota-se dissimulação, ameaças falsas de suicídios e preocupação com manifestações somáticas. A presença de um comportamento antissocial também é considerada uma característica da Psicopatia, não sendo necessária a prática de atos criminosos (NUNES, 2009).

Para o diagnóstico do Transtorno de Personalidade Antissocial é necessário um padrão de comportamento que se destaca o menosprezo e a violação do direito do próximo, que vai desde a infância até a idade adulta. A idade mínima deve ser de 18 anos, seguindo pelo menos três dos seguintes critérios: incapacidade de conformação as normas sociais no que respeita aos comportamentos legais; falsidade; impulsividade ou incapacidade de planejamento antecipado; irritabilidade e agressividade; desrespeito pela própria segurança e pela dos demais; persistente irresponsabilidade; ausência de remorso (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2002).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (1993), uma em cada vinte pessoas no mundo possui o transtorno de personalidade antissocial, alguns em maior, outras em menor grau. Essas estatísticas representam quatro por cento da população mundial (LETNER; PAINES; PERIOLO, 2013).

O CID em sua décima edição, também descreve alguns comportamentos que dizem respeito ao transtorno de personalidade antissocial: prevalência da indiferença pelos sentimentos alheios, podendo vir a ter comportamento cruel; desprezo por normas e obrigações; baixa tolerância à frustração e baixo limiar para descargas de atos violentos (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Para Hilda Morana, o termo Transtorno de Personalidade Antissocial não é suficiente para classificar esse distúrbio. De acordo com a autora, é necessário haver dois subtipos dentro desta classificação, a saber: transtorno parcial de personalidade e transtorno global de personalidade (AMBIEL, 2006).

Ainda neste viés, foi proposta também uma divisão, de acordo com o nível do transtorno: psicopatas primários seriam aqueles com a tendência a cometer crimes violentos mostrando-se impulsivos, confiantes, agressivos e pouco ansiosos. E os psicopatas secundários que apresentam maior ansiedade, isolamento e baixa autoestima, porém ambos os tipos são igualmente impulsivos e hostis (LETNER; PAINES; PERIOLO, 2013).

Diante de todas estas concepções, é necessário destacar que, a psicopatia não deve ser avaliada, levando em conta apenas um fator isolado da vida do indivíduo. A sua construção é formada por um conjunto de características individuais, juntamente com fatores sociais e hereditários, que juntos, poderiam vir a influenciar o desenvolvimento de comportamentos antissociais (DEL-BEN, 2005).

A PSICOPATIA E SUA RELAÇÃO COM O COMPORTAMENTO CRIMINOSO

O crescimento da violência urbana tem incidido na investigação da relação entre comportamentos violentos e doença mental, englobando os transtornos de personalidade e a psicopatia (SERAFIM; SAFFI, 2012).

De acordo com a Teoria da Excitação Geral da Criminalidade, os psicopatas tendem a ter algumas características em comum, como a excitabilidade e a impulsividade. O fato de possuírem um sistema nervoso insensível a baixos níveis de estimulação faz com que a busca por novas emoções seja constante, levando-os a prática de atividades perigosas, como por exemplo, o crime (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Devido a sua incapacidade emocional, esses sujeitos não sentem culpa, remorso ou arrependimento, tornando-se autores de crimes cruéis e sádicos, dos quais orgulham, sentindo prazer e satisfação em lembrá-los (BENTO, 2012). Principalmente quando a insensibilidade aos sentimentos alheios se torna elevada (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Diferente do que poderia supor, psicopatas que cometem crimes, entendem o que é empatia, são capazes de saber o que é doloroso e degradante para suas vítimas. Planejando suas ações com o intuito de humilha-las e obter delas o que deseja. Isso se dá pelo fato de já terem passado por situações humilhantes no decorrer de suas vidas (CASOY, 2004).

Esses indivíduos são mais propensos a utilizar a agressividade operativa que seria planejada e calculada com antecipação, para que o objetivo possa ser alcançado agindo por vingança ou por influência do uso de álcool e drogas, sendo a maioria de suas vítimas desconhecidas (DEL-BEN, 2005).

Apesar disso, eles se diferem dos outros criminosos, apresentando menor probabilidade de vir a cometer um homicídio. Isso pode ocorrer porque assassinatos geralmente advêm de situações que exigem elevada carga emocional, o que não é característico desses sujeitos, que quando chegam a matar, o fazem de maneira fria, planejando suas ações com antecedência (HUSS, 2011).

Baseado nisso, pesquisas mostram que há uma relação evidente entre a psicopatia e a prática criminosa, considerando o transtorno um fator relevante na avaliação de comportamentos violentos e reincidência criminal. Evidências sugerem que indivíduos psicopatas apresentam uma maior possibilidade de vir a cometer crimes, (violentos ou não), em comparação a maioria das pessoas (HUSS, 2011).

Em ambientes prisionais, estima-se que 20% à 40% dos presos homicidas preenchem os critérios de psicopatia de acordo com a avaliação da escala PCL-R (SERAFIM; SAFFI, 2012). Sendo que o índice de reincidência criminal desses indivíduos é três vezes maior do que a de criminosos comuns (LETNER; PAINES; PERIOLO, 2013), estimando-se uma taxa de 80% na realidade brasileira (AMBIEL, 2006).

Para fins forenses, quando se trata do transtorno de personalidade antissocial, é necessária uma avaliação psicológica que examine a capacidade de entendimento, que se encontra preservada na maioria dos casos e a capacidade de determinação que pode estar comprometida dependendo da gravidade do transtorno, estabelecendo nestes casos, uma condição jurídica chamada de semi-imputabilidade, que gera a diminuição da pena ou o envio do réu a um centro de tratamento (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Fora esta situação, o diagnóstico de psicopatia não traz a isenção da pena e na maioria dos casos o transgressor é responsabilizado e responde

judicialmente por suas ações (NUNES, 2009). Isso se deve ao fato da insanidade alegada nos tribunais, na tentativa de absolvição do réu não dizer respeito à saúde mental e sim da habilidade do sujeito de saber se seus atos são errados ou certos no momento em que foram ocorridos (CASOY, 2004).

Ainda dentro do perfil criminoso, encontra-se uma categoria de indivíduos chamados de assassinos em série (serial killers), sendo caracterizados como reincidentes em seus crimes, por no mínimo três vezes, com um intervalo de tempo entre eles. Pesquisas mostram que durante a infância, 82% desses assassinos apresentam histórico de maus tratos, abuso ou negligência, com algumas características em comum como: enurese noturna (urinar na cama) em idade tardia, destruição de objetos alheios e maus tratos aos animais e outras crianças menores (MARTA; MAZZONI, 2010).

Na infância também apresentam fantasias noturnas, problemas alimentares, risco de sofrer acidentes, distúrbios sexuais, retraimento social, mentira crônica, agressividade, necessidade de controle, entre outros (CASOY, 2004).

A personalidade criminosa desses indivíduos pode ser classificada em quatro vertentes: aqueles que cometem crimes por terem alucinações, os que sentem prazer com a morte alheia (sádicos), os que possuem ambas as características e os que acham que estão salvando o mundo de algum mal (SAVAGLIA, 2010).

Os assassinos em série preenchem 86,5% dos critérios da escala PCL-R para a psicopatia e possuem um perfil caracterizado pela manipulação de suas vítimas e forte tendência a vir a cometer múltiplas perversões sexuais, como a necrofilia e o canibalismo. Quando presos são capazes de enganar os funcionários penitenciários e outros profissionais de saúde, fazendo-os acreditar que já estão aptos a serem reinseridos na sociedade (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006). O principal objetivo de seus crimes é humilhar a vítima e sentir-se no controle da situação, o ato de matar ou infligir dor a outras pessoas torna-se secundário, sendo relevante pra eles o desejo de poder e de domínio (PIRES; LEITES, 2013).

Esses sujeitos tendem a seguir um padrão para execução de seus crimes, misturando fantasias pessoais com a morte. Escolhem na maioria das vezes, vítimas com as mesmas características, sendo motivados por ódio, vingança (real ou imaginária) e desejo por controle. Os assassinos em série revivem em seus crimes, os abusos sofridos durante a infância, passando de uma posição de agredido para

agressor, dividindo-se entre organizados, que seriam aqueles que planejam seus crimes com antecedência e os desorganizados, que são impulsivos e menos calculistas (MARTA; MAZZONI, 2010).

ASPECTOS ETIOLÓGICOS QUE INFLUENCIAM NO COMPORTAMENTO PSICOPÁTICO

Fatores Interpessoais

Os aspectos psicológicos do comportamento psicopático se caracterizam pelo desprezo á normas sociais, egocentrismo, dificuldade quanto à auto percepção, baixo controle da impulsividade, baixa tolerância a frustrações, falta de empatia, entre outros. O transtorno engloba anomalias de temperamento e caráter fazendo com que esses sujeitos tenham uma conduta anormal (SERAFIM, 2003).

Sendo assim, eles apresentam déficits interpessoais e afetivos que os impedem de interagir com outras pessoas ao longo de sua vida. Isso se dá devido à dificuldade que possuem de entender o significado emocional de uma palavra. Geralmente ocorre uma falha na conexão de elementos de uma história, o sentido da linguagem pra eles é algo superficial e carece de uma interpretação profunda (HUSS, 2011).

Devido a sua falta de empatia, os psicopatas não conseguem reconhecer medo, tristeza, ou qualquer outro sentimento no rosto ou na voz de outras pessoas (GOLEMAN, 2006). Fazendo com que desconsiderem a condição humana e as necessidades básicas do outro, não sentindo pena ou remorso por suas vítimas (PIRES; LEITES, 2013).

Portanto a deficiência desses indivíduos não está na parte racional ou cognitiva, que se encontra intacta, mas sim no campo dos afetos e emoções. Seus comportamentos cruéis tornam-se consequência de suas escolhas, que são feitas de forma livre e consciente (SILVA, 2008).

Psicopatas, em sua grande maioria, mostram-se imunes e incapazes de apresentar respostas fisiológicas ao medo, a ansiedade e ao estresse,

permanecendo calmos em situações que outras pessoas entrariam em pânico. Quando descobrem que suas ações não são aprovadas pela sociedade, tendem a esconder e disfarçar de forma inteligente aspectos e características de sua personalidade (GOLEMAN, 2003; SERAFIM, 2003).

Devido à ausência de medo, esses sujeitos são indiferentes à ameaça de punição, não aprendendo com os erros, levando a uma crença que eles teriam algum déficit de aprendizagem (HUSS, 2011). Esse desprezo às consequências de seus atos faz com que sejam mais propensos a cometer um crime e ir para prisão (GOLEMAN, 2006).

No que diz respeito à linguagem corporal, também é possível observar alguns déficits, pois esses indivíduos usam com menor frequência as mãos e outras partes do corpo para ilustrar ou enfatizar um ponto importante durante uma conversa, devido a seu bloqueio em processar as emoções (HUSS, 2011).

Fatores Biológicos

Psicopatas agem na maioria das vezes baseados pela razão como um auxílio para a tomada de decisões. Isso ocorre devido a uma falha no sistema límbico que fica na região do hipocampo cerebral e é responsável pelos comportamentos sociais e pelas emoções, assim como pela reação a estímulos reais e imaginários. O déficit ocorre em especial nas amígdalas, que são centros indicadores do medo, ansiedade e perigo (BENTO, 2012; LETNER; PAINES; PERIOLO, 2013; PIRES; LEITES, 2013).

O cérebro desses indivíduos, principalmente o córtex cerebral é menos ativo. Enquanto a maioria das pessoas apresenta atividade cerebral em todas as estruturas subcorticais, eles tendem a ter maior ativação no córtex occipital, fazendo com que processem as informações visualmente, mas sejam incapazes de entendê-las de um modo profundo (HUSS, 2011).

Pesquisas com criminosos violentos concluíram que todos apresentaram o mesmo problema cerebral, uma menor massa cinzenta no lobo pré-frontal, localizada atrás dos olhos. Comprovando que indivíduos psicopatas responsáveis

por crimes violentos apresentam 11% a menos de matéria cinzenta no córtex pré-frontal, aumentando a probabilidade de se tornar um sujeito violento (CASOY, 2004).

Essas observações são feitas através da Ressonância Magnética Funcional (RMF), comprovando que em psicopatas a atividade cerebral é reduzida em estruturas responsáveis pelas emoções e aumentada em estruturas que envolvem a cognição (PIRES; LEITES, 2013; SILVA, 2008).

Alguns fatores que poderiam contribuir para a conduta violenta seriam alterações neurológicas no lobo frontal que aumentariam as reações emocionais negativas, gerando impulsividade, dificuldade de concentração e diminuição da empatia. Disfunções no lobo temporal poderiam gerar raiva extrema não provocada, prejuízo na linguagem e déficit intelectual. E ainda alteração dos neurotransmissores e deficiências nutricionais (MENDES et al., 2009).

Uma elevada dosagem de metais pesados no sangue, como o cobre, chumbo, manganês e cádmio podem gerar conduta violenta. Alguns deles abaixam os níveis de serotonina no sangue, sendo seus efeitos aumentados se houver uso de álcool (CASOY, 2004). Altos níveis do hormônio testosterona, do ácido fenilacético e da norepinefrina também podem desencadear um comportamento psicopático (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006; SERAFIM, 2003).

Complicações no período pré-natal e no parto, como a exposição ao tabaco, álcool e outras drogas, durante o período de gravidez representa um alto risco para o desenvolvimento de condutas antissociais, afetando estruturas cerebrais e trazendo diversas consequências como prejuízo na cognição e nas interações sociais, aumento da impulsividade, hostilidade e risco de delinquência. Já as complicações durante o parto podem trazer um mau desenvolvimento neuronal e conseqüentemente comportamento violento na infância e na adolescência (MENDES et al., 2009).

Fatores Sociais

O ambiente é um fator influente na formação da personalidade dos indivíduos. De acordo com alguns psiquiatras, a psicopatia tem a sua origem antes da puberdade, sendo assim, situações vivenciadas na infância tais como abusos

sexuais, violência, agressão, podem vir a desencadear uma personalidade negativa (LETNER; PAINES; PERIOLO, 2013), com predisposição á agressividade, falta de atenção, delinquência, uso de álcool e outras drogas e hiperatividade (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Por isso, é importante que o estudo e a investigação do comportamento delinquente, seja na infância ou na adolescência, para que possa haver uma maior oportunidade de intervenção terapêutica e o desenvolvimento de ações preventivas, com o intuito de melhorar a qualidade de vida desses jovens (DAVOGLIO; ARGIMON, 2010).

A privação emocional e a grave rejeição dos filhos pelos pais também é classificado como um dos principais aspectos responsáveis por uma conduta criminosa. Principalmente quando há entre os membros de uma família, a presença de alguma desordem mental como a depressão, alcoolismo, deficiência mental, psicoses e transtornos de personalidade (SERAFIM, 2003).

Os principais preditores sociais que poderiam influenciar na conduta violenta seriam: desigualdade social, baixa renda, histórico de criminalidade na família, precariedade na educação, na saúde e na segurança. De acordo com as teorias socioambientais, a agressividade seria aprendida, a criança reflete no seu comportamento, os valores e as normas vivenciadas em seu grupo. Se essas vivências são negativas e inconsistentes, o desenvolvimento de habilidades sociais pode ser comprometido (MENDES et al., 2009).

Alguns fatores como o desemprego e o aumento desenfreado da população também podem interferir diretamente na estrutura familiar, fazendo com que o meio social se apresente como um instrumento favorável para condutas antissociais e agressivas (SERAFIM, 2003).

O comportamento violento tende a aumentar quando o indivíduo teme ser rejeitado socialmente utilizando-se da agressividade como uma forma de adquirir respeito ou reafirmar sua identidade. Isso se dá devido ao estresse emocional que são expostos durante sua infância, ao presenciarem conflitos constantes dos pais, gerando sentimentos de frustração, insegurança e autoimagem negativa (MENDES et al., 2009).

Os laços familiares desenvolvidos na infância são de extrema importância para que seja determinado o futuro das relações, sendo a falta deles um preditor para o desenvolvimento da psicopatia. É na infância que a criança aprende a lidar

com as frustrações, ser empático e autoconfiante, fatores essenciais para uma personalidade saudável. Sem isso a criança não é capaz de desenvolver relacionamentos saudáveis no decorrer de sua vida (CASOY, 2004).

DISCUSSÃO

Na primeira sessão desta pesquisa, já foi possível constatar a grande divergência de opiniões que há entre os autores, no que diz respeito à natureza e origem da psicopatia.

Percebe-se que desde o início da psiquiatria, em meados do século XIX até os dias atuais, existe uma polarização de posições que vão desde a concepção do comportamento psicopático a causas exclusivamente orgânicas e biológicas até a atribuição do transtorno a uma condição que é adquirida através do meio social e de experiências afetivas primárias (BITTENCOURT, 1981).

A evolução do conceito pode ser dividida em dois grandes momentos. Um deles seria o trabalho desenvolvido por Hervey Cleckley, considerado decisivo na definição do transtorno e o outro a criação do DSM – I em 1952, pela Associação Americana de Psiquiatria visando à classificação das perturbações mentais. Ambos com o intuito de trazer uma limitação e unificação da variedade terminológica (HAUCK FILHO; TEIXIERA; DIAS, 2009; SOEIRO; GONÇALVES, 2010).

Termos como mania sem delírio, insanidade moral, monomania, loucura dos degenerados, inferioridade psicopática, personalidade psicopática, distúrbio de personalidade sociopática e transtorno de personalidade antissocial (SERAFIM, 2003; SHINE, 2010), foram usados no decorrer dos anos com o intuito de criar uma etiologia que comportasse todas as características da psicopatia, encontrando-se em vigor, nos dias atuais, a nomenclatura transtorno de personalidade antissocial (NUNES, 2009).

Diante disso, a segunda sessão do trabalho tenta elucidar a respeito das características da psicopatia, enfatizando que a concepção do conceito de forma clara torna-se essencial na investigação, avaliação, intervenção e diagnóstico,

visando à aplicabilidade desses resultados na área de estudo referente às perturbações de personalidade (SOEIRO; GONÇALVES, 2010).

É importante destacar que, por ser um construto psicológico complexo, a psicopatia abrange diversos comportamentos e disposições de personalidade, que podem ser manifestados em diferentes contextos sociais, tornando-se difícil abarcar e descrever todas as características que compõem esse quadro (HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2009).

Nesse sentido, vários autores tentaram definir de uma forma precisa o conceito da psicopatia estabelecendo o conhecimento de seus processos. Algumas condutas mostram-se particularmente significativas, destacando-se a instabilidade, impulsividade, intolerância a frustrações, irresponsabilidade, ausência de culpa, remorso ou empatia, agressividade e dificuldade de aprender com os erros. Sendo estas características encobertas através de uma falsa simpatia, carisma, sedução, manipulação e capacidade de comunicação (BITTENCOURT, 1981; LETNER; PAINES; PERIOLO, 2013).

O diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial é realizado a partir dos 18 anos de idade tendo como exigência um padrão global de desprezo às normas e obrigações sociais e violação do direito do outro, conforme explicitado no CID-10 (SERAFIM; SAFFI, 2012), necessitando possuir pelo menos três dos critérios descritos no DSM-IV (NUNES, 2009).

Diante do exposto um dos objetivos deste trabalho seria levantar as características daqueles indivíduos que além de apresentarem a psicopatia, se envolvem em atos ilícitos podendo vir a cometer crimes, sendo este o assunto principal da terceira parte desta pesquisa.

A relação entre a psicopatia e o comportamento criminoso é clara e amplamente estudada pela literatura, tendo um papel único na expressão da violência. A agressividade psicopática apresenta diversas particularidades que a tornam singular e problemática se comparada a outros tipos de violência, possuindo um maior risco de vir a perpetuar agressões futuras (HUSS, 2011), devido ao alto índice de reincidência criminal desses indivíduos quando relacionados com outros criminosos comuns (LETNER; PAINES; PERIOLO, 2013).

O padrão de comportamento violento dos psicopatas se caracteriza pela busca constante do próprio prazer, enganando e manipulando outras pessoas para satisfazer as suas necessidades pessoais, sem o menor senso de culpa ou

arrependimento. Excitam-se com situações que proporcionam algum tipo de risco ou são proibidas, possuindo uma incapacidade de conformar-se às normas sociais, fazendo com que se envolvam constantemente em atos criminosos (MARTA; MAZZONI, 2010).

É importante enfatizar que nem todas as pessoas que possuem o transtorno chegam a infringir as leis e que o diagnóstico de psicopatia não traz a isenção da pena sendo o acusado responsabilizado legalmente pelos seus atos (NUNES, 2009).

Com a proposta de entender as razões que levam um indivíduo psicopata a vir a cometer um crime, a quarta e última parte desse trabalho elucida três aspectos etiológicos que poderiam vir a influenciar em uma conduta criminosa.

O primeiro deles diz respeito a fatores interpessoais, considerados centrais para o conhecimento do transtorno. Psicopatas são menos sensíveis à expressão emocional, tendo dificuldade em processar e entender as emoções. Suas escolhas são baseadas no sentido literal da linguagem, estendendo-se aos gestos não verbais que seriam restritos (HUSS, 2011). Sendo considerados sujeitos muito mais racionais do que emocionais (SILVA, 2008).

O segundo aspecto relatado seria o biológico, autores defendem a ideia de um déficit no funcionamento cerebral de psicopatas, principalmente na amígdala que estaria localizada no hipocampo cerebral e seria responsável pelo comportamento afetivo (BENTO, 2012). Sendo que alguns fatores como alterações neurológicas, lesões cerebrais, disfunções, deficiências nutricionais, intoxicação por metais, altos níveis de hormônio, alterações nos neurotransmissores e complicações no período pré-natal, poderiam influenciar em uma conduta antissocial (MENDES et al., 2009; MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006; SERAFIM, 2003).

O terceiro e último fator citado no trabalho seria o social, enfatizando que quando o indivíduo cresce num lar amoroso que o faz acreditar num mundo seguro e decente, provavelmente irá desenvolver relacionamentos saudáveis ao longo de sua vida. Porém quando uma pessoa é severamente maltratada e abusada, através de práticas parentais negativas, tanto físicas quanto psicológicas, por aqueles que deveriam protegê-lo, tenderá a desenvolver uma personalidade perversa (SCHECHTER, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho, percebe-se que há ainda diversas contradições dos mais variados autores no que diz respeito à psicopatia, gerando certa dificuldade quanto ao seu entendimento de uma forma clara, sendo necessárias mais pesquisas na área, com o intuito de trazer conhecimento que possa viabilizar uma avaliação qualificada e um diagnóstico preciso.

Diante de tais limitações, sugere-se que em estudos futuros sejam realizadas pesquisas que abordem o transtorno e todas as suas implicações. Sendo um distúrbio amplo, a sua análise não deve ater-se apenas ao âmbito jurídico, e sim englobar as diversas áreas onde personalidades psicopáticas atuam e trazem um impacto negativo para a sociedade, como o meio organizacional ou político.

Estudos a respeito da presença do transtorno nas relações de gênero e sobre o conceito de perversão na psicanálise também seriam importantes como uma forma de abranger o termo e trazer maior elucidação quanto as suas características.

Quanto ao tratamento desta perturbação, percebe-se que há diversas técnicas sendo estudadas e testadas, porém ainda são insuficientes e ineficazes.

Visto que a maioria dos autores considera a psicopatia incurável sendo a melhor maneira de controle a reclusão, torna-se vital a busca de intervenções multidisciplinares, onde profissionais capacitados atuariam juntamente com o poder judiciário, a fim de identificar esses indivíduos precocemente, reduzindo a reincidência criminal e tendo maior sucesso quanto ao tratamento.

Tendo em vista o que foi exposto, a hipótese desse trabalho pôde ser confirmada e o objetivo alcançado, concluindo que o campo de pesquisa envolvendo as razões que levam o indivíduo a cometer um crime ou se tornar um psicopata tornou-se abrangente. Ficou evidente que fatores interpessoais, biológicos e sociais que estão presentes desde a infância podem exercer uma influência no desenvolvimento de uma personalidade negativa na vida adulta.

REFERÊNCIAS

AMBIEL, R. A. M. Diagnóstico de psicopatia: a validação psicológica no âmbito judicial. **Psico - USF**, Itatiba, v. 11, n. 02, p.265-266, dez. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousf/v11n2/v11n2a15.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: texto revisado (DSM-IV-TR). 4. ed. United States: Artmed, 2002.

BENTO, L. H. M. Agressividade, violência e aprisionamento: considerações acerca da condição humana, da sociabilidade e do fenômeno prisional e seus efeitos. **Criminologia e Ciências Penitenciárias**, São Paulo, v. 02, n. 03, p.01-30, set. 2012. Disponível em: <<http://procrim.org/revista/index.php/COPEN/article/view/106>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

BITTENCOURT, M. I. G. F. Conceito de psicopatia: elementos para uma definição. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 04, p.20-34, out. dez. 1981. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18612/17353>>. Acesso em: 08 mar. 2015.

CASOY, I. **Serial Killer: louco ou cruel?** 6. ed. São Paulo: WVC, 2004.

DAVOGLIO, T. R.; ARGIMON, I. I. L. Avaliação de Comportamentos Antissociais e Traços Psicopatas em Psicologia Forense. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 09, n. 01, p.111-118, abr. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v9n1/v9n1a12.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

DEL-BEN, C. M. Neurobiologia do Transtorno de personalidade antissocial. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, n. 01, p.27-36, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v32n1/24019.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

GOLEMAN, D. Tríade Sombria. In: **Inteligência Social: o poder das relações humanas**. Rio de Janeiro: Campus, 2006. p. 134-151.

HARE, R. D.; NEUMANN, C. S. Psychopathy as a clinical and empirical construct. **Annual Review of Clinical Psychology**, Columbia, v. 04, n. 02, p.217-246, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.sakkyndig.com/psykologi/artvit/hare2008.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

HAUCK FILHO, N; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Psicopatia: O construto e sua avaliação. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 08, n. 03, p.337-346, dez. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v8n3/v8n3a06.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

HUSS, M. T. Psicopatia. In:_____. **Psicologia Forense: pesquisa, prática clínica e aplicações**. Porto Alegre: Artmed, 2011.p. 91-115.

INNES, B. **Perfil de uma mente criminoso**. São Paulo: Escala, 2009.

LETNER, L.; PAINES, V.; PERIOLO, V. Psicopatia e suas características. **Revista Eletrônica**, Porto Alegre, v. 04, n. 01, p.1-13, set. 2013. Disponível em: <http://colegiomaededeus.com.br/revistacmd/revistacmd_v42013/artigos/a9_psicopatia_cmdset2013.pdf>. Acesso em: 07 out. 2014.

MARTA, T. N.; MAZZONI, H. M. O. Assassinos em série: uma análise legal e psicológica. **Pensar**, Fortaleza, v. 15, n. 01, p.303-322, jun. 2010. Disponível em: <<http://ojs.unifor.br/index.php/rpen/article/view/2129/1727>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

MENDES, D. D. et al. Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 31, n. 02, p.77-85, out. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s2/v31s2a06.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2014.

MILLON, T. et al. **Psychopathy: antisocial, criminal and violent behavior**. Nova York: The Guilford Press, 1998. p. 03-10 Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=LSiBsdxcGigC&oi=fnd&pg=PA3&dq=related:bH3tCRxCW8J:scholar.google.com/&ots=nnTye3k&sig=OCsi71ORJ4YaYYUEqXPzg8LySi4#v=onepage&q&f>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

MORANA, H. C. P.; STONE, M. H.; ABDALLA-FILHO, E. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. 2, p.74-79, out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s2/en_04.pdf>. Acesso em: 25 set. 2014.

NUNES, L. M. Crime - Psicopatia, Sociopatia e Personalidade Antissocial. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**, Porto, v. 06, n 02, p.152-161, jan. dez. 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10284/1324>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

NUNES, L. M. Sobre a psicopatia e sua avaliação. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 02, p.39-48, set. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18095267201100020005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2015.

PESSOTTI, I. **Os nomes da loucura**. São Paulo: 34, 1999.

PIRES, G. L.; LEITES, M. H. Criminosos Comuns ou Psicopatas? **REIDese**, Aracaju, v. 09, n. 03, p.242-254, out. 2013. Disponível em: <http://www.reidese.com.br/072013/092013_09.pdf>. Acesso em: 12 maio. 2015.

SAVAGLIA, F. Anatomia do Mal. **Psique: personalidade criminosa**, São Paulo, v. 4, n. 49, p.20-31, jan. 2010.

SCHECHTER, H. **Serial Killers: anatomia do mal**. Rio de Janeiro: Darkside, 2013.

SERAFIM, A. P. Aspectos etiológicos do comportamento criminoso: parâmetros biológicos, psicológicos e sociais. In: RIGONATTI, S. P.; SERAFIM, A. P.; BARROS, E. L. **Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica**. São Paulo: Vetor, 2003. p. 49-64.

_____. Investigação psicológica da personalidade na conduta criminosa. In: RIGONATTI, S. P.; SERAFIM, A. P.; BARROS, E. L. **Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica**. São Paulo: Vetor, 2003. p. 65-78.

SERAFIM, A. P.; SAFFI, F. **Psicologia e Práticas Forenses**. Barueri: Manole, 2012. p. 215-219.

SHINE, S. K. **Psicopatia: clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 11 – 29.

SILVA, A. B. B. **Mentes Perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SOEIRO, C.; GONÇALVES, R. A. O estado de arte do conceito de psicopatia. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 28, n. 1, p.227-240, jan. abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v28n1/v28n1a16.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Nome completo: Géssica Cristiane Alves

Endereço: Rua Gabriel Calixto Luiz, nº 235

Bairro: São Vicente - Cidade: São Gotardo

CEP: 38800 - 000

Telefone de contato: (34) 8819 - 0118

E-mail: gessicasg@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo: Constance Rezende Bonvicini

Endereço: Faculdade de Patos De Minas – Unidade III – Shopping

Rua Major Gote nº 1901

Bairro: Centro - Cidade: Patos de Minas

CEP: 38700 - 108

Telefone de contato: (34) 9905 - 5402

E-mail: constancebonvicini@yahoo.com.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 23 de novembro de 2015.

Géssica Cristiane Alves

Constance Rezende Bonvicini